

Preços

Anno 12\$000
Semestre 8\$000

Avulso 200 Reis
Atrasado 300 Reis

AUCTORIDADE

Orgão do Centro dos Estudantes Monarchistas de S. Paulo

Redactor-Chefe: **Angelo Mendes**

Redactor-Secretario: **Huciano Esteves Junior**

REDAÇÃO

E

ADMINISTRAÇÃO

Rua da Quitanda N. 9

Segundo andar

Os originaes não se-
rão restituídos, ainda
que não publicados.

Por que veio a Republica

—x—

No Brazil estava plantada uma grande arvore. Seu tronco era enormemente grosso, para corresponder à sua altura que era também enorme. Seus ramos e suas raizes estendiam-se, para o norte, até aos limites com as Guyennas franceza, hollandeza e ingleza, com a Venezuela, e com a Columbia, para o occidente, até aos limites com o Equador, o Perú, a Bolivia, o Paraguay e a Confederação Argentina, e, para o sul, com o Estado Oriental: estendendo-se os outros ramos e raizes, do lado oriental, para o littoral, e prolongando-se as raizes pelo mar a dentro, onde se viam arrebitões ou gommeleiras, denominadas *ilhas e arrecifes*.

As folhas e as flores variadas desta grande arvore eram lindissimas; e em seus ramos pouavam tranquilos passaros de todas as qualidades, de todos os tamanhos, de todas as cores, de todos os cantares; alem de innumeraveis insectos, e mesmo de reptis varios.

Seus fructos eram dulcissimos; e assim como matavam a fome, fartavam a sede. Sendo aliás uma só arvore, esses fructos eram variadissimos, porque eram de todas as especies imaginaveis. O estrangeiro sabio extasiava-se ante tanta grandeza e abundancia: sob os seus ramos, todos sentiam a frescura da sombra; era-lhes lenitivo da calma intertropical a frescura das aguas crystallinas, não só dos rios, ribeirãoes, correços, regatos, mas também das innumerables fontes. As cascatas, também innumerables, prendiam egualmente a admiração do estrangeiro. Que paz abençoada! exclamava elle.

Vello, porém, o 15 de Novembro de 1889: o vendaval quente da revolta queimou instantaneamente o cimo do tronco d'essa arvore; e dali em diante foram caindo as flores e as folhas, pelo desaparecimento da seiva no tronco inteiro e nos ramos. Felizmente a arvore fôra plantada por Deus; e, pois, ainda ficaram com vida as raizes, para que, fôlha ex nate anno, a arvore pudesse reverdecer, não sómente no tronco, mas também nos ramos.

Nesse tronco, desde 15 de Novembro de 1889, se foram intro-



Visconde de Ouro-Preto

Presidente do Directorio Monarchista na Côte

O Visconde de Ouro-Preto, Affonso Celso de Assis Figueiredo, è natural da provincia de Minas-Geraes. Terá pouco mais ou menos 60 annos.

Casado com uma Paulista, também nos pertence por metade.

Dotado de uma grande intelligencia, distinguio-se sempre como academico de Direito nesta Capital. Já então se mostrava atilado politico, defendendo na imprensa liberal o conselheiro J. J. Fernandes Torres, então presidente desta provincia.

Recebendo o gráu de bacharel, foi visto em breve tempo como deputado geral pela sua provincia natal; e logo depois serviu como ministro da marinha, durante a guerra do Paraguay.

Jamais desertou os seus principios politicos; mas não tinha odio aos seus adversarios, cujas relações de amizade particular ou simples benevolencia muito apreciava.

Posteriormente foi ministro da fazenda; e viu-se então forçado a sustentar o denominado *imposto do vintem* em conflicto revolucionario na cidade do Rio de Janeiro. A tranquillidade restabeleceu-se, graças à sua energia.

Ultimamente, era senador e conselheiro de estado; e, nessa qualidade, os seus amigos politicos o consideravam um dos seus chefes.

Após a abolição da escravidão, o Imperador, verificando que a mudança politica era indispensavel, aceitou, em 1889, a demissão do ministerio conservador, e encarregou-o de organizar ministerio liberal. Foi o ultimo ministerio do regimen imperial; e, por isso, foi victima do levante militar de 15 de Novembro de 1889, arrastando consigo as instituições constitucionaes do Imperio.

Infelizmente, o Visconde de Ouro-Preto cercara-se de auxiliares, perfidos uns, ineptos outros. Naquelle dia, teve occasião de verificar que Floriano Peixoto, ajudante-geral do exercito, de sua especial confiança, estava conluído com Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, e outros.

Voltando para o Brazil, tem-se mantido fiel à bandeira do Imperio, honrando assim as suas tradições.

È actualmente o Presidente do Directorio Central Monarchista no Rio de Janeiro. Por seus esforços e pelos dos outros seus companheiros de Directorio, foi adquirida uma typographia para a publicação do orgão official dos monarchistas naquella capital.

Todos esperam muito delle, logo que se manifeste a restauração do Imperio.

duzindo e accomodando todas as alimarias da especie dos *roedores*, sob o pretexto de que, representando elle a Monarchia, era preciso deitalo abaixo de todo; e estão desde essa epoca no serviço de o roerem e esbucarem de todo. Ao mesmo tempo, não tendo alguns delles assás confiança no exito completo dos *roedores*, preferiram encarapitarem se no mais alto do tronco e nos ramos secos, figurando de parasitas, orelhas de pau, cogumellos, e outras vegetações proprias de madeiras apodrecidas. Por fóra e por dentro do tronco e dos ramos a podridão proveniente dos *roedores* extinctos e das vegetações parasitarias destruidas por outras mais fortes, tornou necessario o *negocio* da hygiene e dos saneamentos: e em tudo isso ainda são consumidos os fructos colhidos da grande arvore, antes de 15 de Novembro de 1889, e guardados nos celleiros.

O estrangeiro sabio já não vem gozar as maravilhas da exuberante natureza brasileira; porque os *animaes carnivoros* existem soltos, como dominadores, nada poupando, tudo devorando, para saciarem a fome e a sede com a carne e o sangue dos innocentes e dos bestializados.

A Inglaterra, neste entretanto, resolveu cortar uma das gommeleiras, denominada *Trindade*; e, lá nos confins de sua Guyenna, aproveitou se da opportunidade para aparar algumas raizes, que eram banhadas pelo Rio Branco.

A França, vendo tudo secco, e sem folhas e flores como dantes, e uma multidão de *animaes damninhos*, que se denominaram a si proprios *jacobinos*, tratou também de aparar as raizes que existiam por baixo do territorio do *Amapi*.

Já anteriormente, um dos grandes *roedores* havia promettido à Confederação Argentina o corte das raizes para o lado das *Missoes*. Esse *roedor* era de primeira qualidade; e tem tido a habillidade de trazer sobre os hombros algumas vegetações parasitarias, de sorte que a uns parece *almaria*, e a outros *orelha de pau*, se esta quieto.

Desde 1895 que as raizes da arvore estão produzindo arrebitões, em toda a sua circumferencia. Mesmo o tronco, em sua parte inferior, está revivendo: já ali se notam brotos de varios tamanhos, conforme a seiva. E a bi-

charia já faz um barulho dos mil diabos; e em breve os veremos abandonar, aos bandos, os buracos em que se aninharam para a multiplicação. O susto é geral em toda a linha. Não comprehendem o milagre do revercimentio do tronco, considerado morto. Por ora, os ramos ainda não dão signal de brotos; mas, este anno, com o inverno da baixa do cambio e da bancarrota, e com o estrume da miseria e da horrivel fome, a arvore se mostrará na plenitude antiga de seu viço, com folhas e flores, e com fructos, gorgelando em seus galhos passaroes de todas as espécies, e voltando aos seus pechos os animaes pacificos que se tinham abalado e fugido dos roedores e dos carnivoros.

A Republica foi, em verdade, um castigo de sete annos. Deus se compadeceu agora do Brazil. O tronco da grande arvore da Monarchia já está quasi todo reverdecido; bem como, em parte, os seus ramos.

Glorifiquemos o Rei do Céo: « porque todas as suas obras são verdadeiras, e cheias de justiça os seus caminhos, pondo abater os que andam na soberbia ».

A Mendes

Quem paga?

Quando se trata da administração publica, anarchisaram-se de tal forma, que serios prejuizos tem acarretado isso ao publico; mormente áquelles que tem a desdita de tratar com a Justiça Publica.

Deixando de parte outros sumptos, se bem que importantes, e que futuramente havemos de abordar, vamos hoje tratar d'aquelle que justamente interessa aos homens do fóro: referimo-nos ás custas judicarias.

Com a autonomia dos Estados na Republica, ficou affecto a elles, entre outros, o serviço do Jury; mas, como na Republica tudo é autonomo, ficou ad libitum das municipalidades aceitar ou não esse serviço.

Algumas municipalidades aceitaram-no; outras, porém, entenderam em sua alta sabedoria que a maquia não lhes convinha e por esse motivo recusaram aceitar mais esse encargo.

D'ahi vem a balburdia, que redundia sempre em prejuizo daquelle que, exercendo sua profissão honesta no fóro, vêm se completamente esbulhados de seus direitos.

O antigo Regimento de custas, no seu artigo 54, determinava que, quando decalhasse a accusação publica, pagariam as municipalidades meias custas.

A actual Lei n. 305 de 2 de Setembro de 1893, regulamentada pelo Decr. n. 231 de 22 de Ja-

neiro do anno corrente, dispõe que nas comarcas, nas quaes as municipalidades prescindirem do recebimento das multas impostas aos jurados e outras, passará o producto d'ellas a constituir renda do Estado, ao qual incumbirá então provêr ás despezas do Jury (papel, tinta, etc.) e ás meias custas dos processos dos réos pobres.

Como se vê, a Lei nada providencia quanto a uma terceira hypothese — a do pagamento das custas nos processos crimes movidos pela Justiça Publica.

Assim, na obscuridade da Lei n. 305 supracitada e tendo-se em vista a exclusão do citado artigo 54 do antigo Regimento de custas d'entre as disposições vigentes (Decreto Estadual n. 178 de 6 de Junho de 1893), surge immediatamente a seguinte duvida:

« Sperão as Municipalidades, será o Estado, ou quem é o responsável pelas custas dos processos movidos pela Justiça publica, em que ella vier a decahir? »

Não ha apagar a difficuldade da questão; pois, si, de um lado, o Governo (Diario official de 7 de Fevereiro p. p. pagina 2. 1.ª columna) auctoritariamente (conforme é de costume) respondeu a uma consulta de S. Carlos do Pinhal que não é elle o responsável por taes custas, ha por outro lado quem se esteie em boas razões para sustentar que as municipalidades é que absolutamente não são por ellas responsaveis (Gazeta Juridica do Estado, Vol. 5, pag. 184).

Exposta e discutida, como acima fica a questão, perguntamos aos legisladores republicanos qual a solução a dar-se na presente questão?

Quem deverá pagar as custas nos processos movidos pela Justiça Publica, nos quaes ella decahir?...

Resolvi, abalizados juriconsultos, que affirmas ser do direito o homicidio legal; nós é que não devemos, não podemos, nem queremos ficar no embrulho.

As collectorias, por onde deviam ser pagas essas custas, recusam-se a fazel-o, por dois motivos, aliás poderosos: 1.º por não haver nunca dinheiro em seus cofres, que são svasados sempre em beneficio do saneamento; 2.º por não haver Lei que as auctorisasse a fazer semelhante pagamento.

A Republica tudo embrulha, tudo e a todos esbulha dos seus legitimos direitos, sem que haja um só soldado dos seus arraies que elucide uma questão em beneficio de outrem: a sua divisa é a seguinte: primeiro, eu, segundo, eu, terceiro eu mesmo!

Luciano Esteves J.

O que ha?

O ajudante general do exercito, marechal Bittencourt, pediu demissão.

O facto tem causado sensação

Parece que o ministro da guerra quer nesse cargo persona grata ao jacobinismo.

O Imperador D. Pedro II

—o—

E' muito sabido que o finado Imperador D. Pedro II apreciava muito as relações de amizade com os sábios da Europa ou de qualquer outra parte do mundo. Era membro de varias associações scientificas; e, mais do que isso, honrava-se muito de pertencer ao Instituto de França.

Agora, o Jornal do Commercio, a proposito do grande astro noma Flammarion, traduziu de jornal ou livro francez a narração da visita feita por D. Pedro II a Flammarion, no seu Observatorio de Juvisy, em 1887. Seja-nos relevada a transcripção:

« Entre os homens eminentes que ligaram apreço á honra de visitar o Observatorio de Juvisy, citaremos:

D. Pedro de Alcantara, Imperador do Brazil, que honrou com a sua presença este estabelecimento no dia 29 de Julho de 1887. O soberano tinha alta estima por Flammarion e possuia todas as suas obras.

Na occasião desta visita, Flammarion, no Conselho Municipal de Juvisy, havia narrado em algumas palavras a nobre existencia de D. Pedro e feito conhecer nelle um amigo da França, um bello caracter affavel, generoso, modesto e benévolo para todos. Era, além disto, um sabio que vinha dar a todos a mais nobre prova de sympathia.

Este pensamento foi comprehendido tão bem que, logo ao apejar se do comboio, o Imperador foi recebido com aclamações e acompanhado até o Observatorio pelas saudações do povo. Um operario socialista, impressionado pela simplicidade do Soberano, exclamou ingenuamente: « Para Imperador, tem mesmo cara de boa pessoa! » O Imperador ouviu, e poz-se a sorrir.

Demorou-se algumas horas no Observatorio que visitou minuciosamente. Como entrasse em uma alameda onde se acha um cedro gigantesco, Flammarion, notando que o Imperador o admirava muito, teve a idéa de pedir a Sua Magestade que, em lembrança de sua visita, plantasse uma arvore que a fizesse perpetuamente recordand.

O Imperador accedeu graciosamente; mas, a um signal que Flammarion fizera, o Imperador, vendo que os jardineiros se preparavam a abrir uma cova na terra: « Não, não! exclamou com vivacidade, tenho empenho em cavar eu proprio e em abrir a cova onde será plantada a minha arvore! »

E, com ardor, poz-se a cavar e abriu uma cava muito profunda. Entregando a enxada a Flammarion, ao passo que limpava o suor que lhe escorria da testa, o Imperador disse-lhe, riado: « Já vê que, se mo fosse preciso, sa-

beria como qualquer outro ganhar a minha vida. »

Entre as pessoas presentes, os jardineiros, sobretudo, estavam pasmados. « Cousta assim nunca se vio, murmuravam elles, um Imperador a cavar a terra! » E ainda fallam disse agora.

A arvore medrou, vigorosa e soberba; o Imperador D. Pedro já não existe, mas a memoria de um homem de bem permaneceu viva no coração de quantos o conheceram. »

Deshonra

Nada pôde ser mais deshonroso para o Brazil, do que aquillo que está se dando na infeliz terra rio-grandense.

Durante cerca de dois annos terrivel guerra teve por theatro aquelle pedaço da terra brasileira, onde tinha se refugiado a honra nacional. Milhares de vidas, homens illustres e devotados, heróicos militares, perociam naquella campanha, que, infelizmente, por circunstancias independentes do valor e coragem dos federalistas, não teve bom exito.

Acabrunhados pelo numero, aquelles Titões, quaes heroes de legendas antigas, combatiam sempre, e oppunham energica resistencia ao exercito que batia-se pela desgraça e escravidão do Brazil. Clamou então o povo brasileiro pela paz, e aquelles sublimes heroes a acceitam, suppondo-a cercada de garantias e dignidade, porque uma paz sem dignidade é a paz do covarde.

Fez-se a paz, e confidos no governo, os federalistas depuseram as armas, com a calma daquelles que cumpriam o seu dever.

Os homens leaes e bons nunca suppoem deslealdade nos seus semelhantes.

Que o que está agora se dando no Rio Grande, sirva-lhes de lição. Apesar da paz, apesar da palavra empenhada do primeiro magistrado d'esta misera Republica, os assassinos, os degolamentos dos federalistas se repetem continuamente.

Com o coração cheio de vergonha e horror, é que se lê todos os dias que a gente do bandido João Francisco, alma infernal, posta a serviço daquelle que só nasceu para infelicidade do Rio Grande — Julio de Castilhos — penetra nas cazas, arranca do seio de sua familia os inermes federalistas e os degolla impunemente.

E tudo isso debaixo da sombra da paz concluida, com a palavra do Presidente da Republica. E este, apesar de alguns o dizerem honrado, obsecado pelas suas antigas ideas, não protesta contra estes attentados horriveis, que o deshonram, ao mesmo tempo que deshonram o Brazil.

Que dirão de vós, os povos cultos e até os barbaros?

Em que paz do mundo por mais atrazado que fosse, ha exemplo de uma paz violada tão impunemente?

Roma, combatendo povos por

mais barbaros que fossem, por maiores inimigos do povo romano, respeitava a paz, que com elles concluia, e deshonrado se consideraria todo o cidadão, se por acaso a tivesse violada. E isto com inimigos estrangeiros. E o que é então, quando a paz é feita com irmãos, com os nossos concidadãos? E só a paz, dizia Girardin, que pôde tornar duravel a liberdade e fecunda a fraternidade.

Isto é impossivel n'esta Republica tão desgraçada que nem honra tem!...

Que recurso resta áquelles que assim foram trahidos? Só de novo pegarem em armas, porque elles, bravos como são, não de forçosamente preferir a morte gloriosa no campo de batalha á morte traiçoeira sob o punhal de assassinos e covardes como João Francisco, soldado do verdugo do Rio Grande, Julio de Castilho.

A luta no Rio Grande tem de recommear forçosamente. A guerra civil, este horrivel flagello desolará de novo o Brazil. Rios de dinheiro correrão, porque o Presidente da Republica, tão laureado pelos seus, não soube guardar a sua palavra de honra.

Ah! Republica, Republica, quantas desgraças, tu e teus homens, trouxestes ao povo brasileiro! A guerra civil, cuja unica gloria, segundo o dizer de Lamarque, está na sua conclusão, ha de voltar; e então terrivel, inexoravel, tendo de um lado a corvadia e a deslealdade, do outro a bravura, a lealdade e o desamparo.

Alvaro Queiroz

Mais um desiludido

—o—

O redactor do Rio de Janeiro, cuja independencia e altivez de caracter têm sido postas á prova recentemente, acaba de declarar-se francamente monarchista, querendo elle a restauração do Imperio.

Depois de explicar por que, antes de 15 de Novembro, divergindo de sua familia, que em geral era conservadora, fliara-se ao partido liberal, preferindo ser democrata, entra em largas razões justificativas de seu actual procedimento, reconhecendo que só a restauração do Imperio será agora a salvação do Brazil.

Vamos extrahir alguns trechos, que bem caracterizam o estado de seu espirito em completa desilusão. Eis-os.

« Como liberaes no Imperio accetámos a Republica, suppondo não fazer violencia ás nossas idéas e sentimentos, continuando a ser liberaes.

« Enganámos-nos; e fomos roubados em nossas tendencias patrioticas.

« E quem não o foi?...

« A Republica é hoje um syndicado nas mãos dos incompetentes, e que continúa por designações.

« Descrentes, desiludidos, so-

IMPASSIVEL

Já que és a muncia de mortaes façanhas,
Que as tristezas e as lagrimas reparte,
Eis me pois, resolvido a supportar-te,
Dor, amiga, que sempre me acompanhas.

Aguilhado e humilimo d'est'arte,
Heide seguir-te em regiões extranhas,
Entre as urzes ferreas, entre as montanhas,
Imperturbavelmente, em toda a parte.

E desgarrado, assim, por entre os vales,
Victima, embora, de peniveis males,
Encontrarei na fé, que é meu escudo,

Que é meu risonho e ultimo apanagio,
A salvação feliz neste naufragio,
Onde sossobro desolado e mudo.

Cicero Leonel

mos monarchistas e fazemos questão da restauração, porque somos brasileiros antes de tudo e consideramos a Republica um mal, e governo mais prejudicial que é possível para o povo, porque este nada representa, nem é representado.

« É a Republica uma ficção de direito, cuja forma está demonstrada, pelos seis annos de dura experiencia ser impraticavel entre nós, porque não se adaptam o seu presidencialismo e federalismo americanos a nossa indole, costumes e educação europeas, por ser nossa raça essencialmente latina.

« Já fizemos propaganda do parlamentarismo na Republica, mas foi baldada o nosso esforço.

« Eis-nos monarchistas, voltando aos antigos arraiaes, porque pensamos só haver hoje duas correntes de idéas: a republicana, como está, para quem fôr jacobino, e a monarchica, para os que dezejam a restauração.

« Para nos precipitarmos na ultima, não pedimos licença a ninguém, porque temos livre a escolha do governo que nos parece melhor.

« Depois do MANIFESTO OURO PRETO, subscripto pelas sumidades dos dois partidos do Imperio, pensamos que nenhum liberal ou conservador tem mais o direito de recusar o seu apoio à restauração da Monarchia, assistindo-lhes o dever estricto de fazer solemne e publica declaração, como foi eloquente a voz do patriotismo de seus directores.

« Quem exercer lugar de confiança na Republica, que se demitta, para não trahil-a, como succedeu com a Monarchia.

« O contrario d'essa conducta é especulação torpe e vergonhosa, que os verdadeiros republicanos devem repellar.

« Temos a coragem da franqueza, quebrando embora as afeições que nos prendiam na Republica.

« O mais completo escarneo de todos os sentimentos de liberdade e de tranquilidade publica da ordem e do progresso, que só tem estragado o que antigamente estava direito.

« Não, mil vezes não! A monarchia é a paz, o progresso e a ordem; a republica é a desordem, a guerra civil.

« A nossa causa somente derramou o precioso sangue de seus filhos batalhando e vencendo auz extrangeiro; e este regimen implantado à força entre nós, tem armado irmãos contra irmãos!

« A monarchia é a paz; a republica, a desordem, por isso, a nossa salvação está na monarchia.

« A excelsa herdeira do throno a qual tanto engrandeceu e honrou o patriotismo do Grande Imperador, e as virtudes da santa Imperatriz, não conspira, nem nunca conspirará para voltar ao poder; e só cingirá a corôa, quando espontaneamente chamada pelo povo no dia em que este abrir os olhos, aguardando somente a alvorada do partido para, unidos e da casa. Não hesitará um segundo e regressará sem detença

timentos, restabelecermos o unico governo possivel, da Lei e da Liberdade, que é a Monarchia.

Cavalcanti Mello >

A nossa salvação

O Brazil sob o regimen monarchico gozou de paz durante quarenta annos: a essa paz, que era aproveitada pelo trabalho e adiantamento, chamam os republicanos de tumular. A's revoltas, ao descalabro e ao sangue derramado nas campinas do Sul chamam elles a agitação e o progresso!

Vergonhosa Republica!
E' o mais completo escarneo de todos os sentimentos de liberdade e de tranquilidade publica da ordem e do progresso, que só tem estragado o que antigamente estava direito.

Não, mil vezes não! A monarchia é a paz, o progresso e a ordem; a republica é a desordem, a guerra civil.

A nossa causa somente derramou o precioso sangue de seus filhos batalhando e vencendo auz extrangeiro; e este regimen implantado à força entre nós, tem armado irmãos contra irmãos!

A monarchia é a paz; a republica, a desordem, por isso, a nossa salvação está na monarchia.

A excelsa herdeira do throno a qual tanto engrandeceu e honrou o patriotismo do Grande Imperador, e as virtudes da santa Imperatriz, não conspira, nem nunca conspirará para voltar ao poder; e só cingirá a corôa, quando espontaneamente chamada pelo povo no dia em que este abrir os olhos, aguardando somente a alvorada do partido para, unidos e da casa. Não hesitará um segundo e regressará sem detença

para salvar este desgraçado paiz, que caminha para o precipicio, impellido pelos jacobinos, raça damnada que tudo tem estragado.

Esta degradante situação não pode continuar. E' preciso que se ponha cobro aos desmandos da turba de engrossadores que tanto tem feito padecer este pobre Brazil, digno do melhor sorte.

Os mandões do paiz e suas associações têm trabalhado com tanto afan que a restauração da monarchia impõe-se como medida necessaria para evitar a dictadura e o despotismo declarado e sem rebuço.

Alfredo de Figueiredo Nielsen

Começam bêm...

A Quintino Bocayuva foi dirigido para espalhafato no seu Paiz, o seguinte telegramma:

« S. Paulo, 19 — Academia fundou centro e jornal republicano.

Ha oito monarchistas! Mocidade é republicana!

A idéa lugubre da monarchia não avassalará coração Brazil que é a mocidade — Davio Ribeiro — Luiz Maranhão — F. Costa Junior »

Tambem só ao Paiz, jornal politico, poderia ser dirigido esse telegramma.

O nosso Club tem sessenta e dois socios; e outros estudantes vão entrar para elle.

Havemos de apurar bêm o caso já que foi enviado ao Paiz aquelle telegramma.

Os collegas sabem que hoje ha sacrificio e perigo em professar idéas monarchicas. A mocidade republicana está em colchões muros.

Quantos se mantêm republi-

canos, quando estiver feita a restauração do Imperio?
Veremos isso em breve.

Diluvio vermelho

O Paiz organ do Club da Morle, a proposito das moedas de níquel monarchistas, tendo em uma face — Isabel I 1896 — e na outra — Imperio do Brazil 1896 —, ameaça os monarchistas com o que elle denomina — diluvio vermelho — Isto é, sangue.

Já se vê que homem das Missões e o senador João Onça estão damnados com a circulação acreditadissima daquelles nikels no mercado. O commercio e o povo já offerecem cambio por essa moeda nova... As moedas de prata e de ouro tem de ser tambem emitidas, segundo o mesmissimo Paiz Venham.

O cambio

E' o endiabrado cambio que mais aillige esta Republica, tão burlescamente denominadas « dos Estados Unidos do Brazil ».

Tem sido ridiculamente engenhosa a confabulação dos homens do Governo da Republica com os aicunhados banqueiros, que estão a explorar esta moribunda, para fazerem os seus negocios em ligação intima com os donos do ago no mesmo Governo. E' escusado dizer que a fortuna publica paga as custas de todas essas negociações, para uma artificiosa subida do cambio por dias, ou meses apenas por momentos.

O cambio de uma figa! Por que estas a caçoar com esta Republica de ordem e progresso em suas rendas? Não vêis que ella é rica, e que o Imperio era pobre!

Explica a razão por que te abaixas na Republica, andando de chapêo molle, e te elevavas sempre no Imperio, trazendo aristocratica cartola?

Qualquer dia, serás deportado. Toma cuidado.

As libras

O maldito cambio está a rir: do Governo desta Republica « de Estados Unidos ».

O Governo pensou suspendel-o com as taes famosas 500:000 libras sterlingas, adquiridas certamente com enorme sacrificio de dinheiro e de humilhação; mas mas não durou isso 48 horas.

As libras vão chegando; mas o cambio está a descer, a descer, a descer...

Sem duvida, o ministro da fazenda vae entrar em novas conferencias com banqueiros (sic).

Aguentem-se no balanço... A Republica vae-se...

Egreja do Collegio

O povo accusa o Governo — de ter mandado damnificar as madeiras que sustentavam o telhado da igreja do Collegio, a fim de fazel-o abater, e assim consumir o attentado de destruir esse templo, que representava e recordava o inicio e os progressos da provincia de S. Paulo, desde os tempos coloniaes.

A gente do Governo desculpa-se, dizendo que o revm. bispo diocesano não se oppoz...

Corre o boato de que o general Campos Salles foi quem exigiu isso, porque não entraria em palacio, como governo, vendo ainda de pé aquella igreja.

E' uma Republica endemoninhada.

O Correio Paulistano, organ do dr. Bernardine de Campos, já disse que o Catholicismo é o inimigo que a Republica deverá debellar com o maior vigor.

E a quem os catholicos hão de recorrer?

Policia feroz

Corre o boato de que alguns presos como iniciados em moeda falsa, se são estrangeiros, soffrem bordoadas de errar bicho, no acto dos interrogatorios para o inquerito. Parece que se quer impellar revelações sobre varios comparsas desse crime.

Club Militar

Hontem deveria ter avido sessão nesse club. Deveria ter sido muito concorrida.

Este facto, coincidindo com as brigas entre o ministro da guerra e o ajudante general do exercito traz agua no bico.

Caveat populus!

Intriga republicana

A Plátca deu a noticia — de que uma casa commercial, desta capital, vende a soldados o symbolo da Monarchia, e que elles o collocam dentro dos bonets.

A ser exacto isso, os soldados mostram mais juizo e patriotismo do que o Governo, que os tem ao seu serviço.

Chronica Theatral

THEATRO APOLLO

A verdadeiro successo da semana que se foi para não mais voltar, não ha que ver, foi a « Cadiz ». Peça ja bastante conhecida, porem sempre nova, a « Cadiz », chamou ao theatrinho da rua Boa-Vista, mais alguma concorrência.

Distinguiram-se na interpretação dos papeis que lhes foram sabiamente confiados a sra. Rodriguez, Mirat, Torrijos, Silva e outros.

A companhia vai de vento em popa; e, segundo um nosso collega diario, espera novos reforços do Rio de Janeiro.

E' caso para a gente felicitar o povo paulista; e aguardar ansiosa, a serie de victorias, que a

O. P. C. Previti (10) O ANJO DA TORRE narrativa

de tempo de Isabel, rainha d'Inglaterra

TRADUÇÃO DE A. MOREIRA BRITO

CAPITULO II O primeiro e o ultimo dos condes de Brighton

N'uma palavra, em toda a extensão dos tres reinos, os templos estavam fechados ou entregues ao culto protestante, os altares abatidos, e a celebração da missa e a administração dos sacramentos prohibida sob as mais severas penas.

A pena de morte estava suspensa sobre a cabeça de todos os padres catholicos encontrados no solo hospitaleiro da hirs Inglaterra; ainda mais, sobre a de quem quer que fizesse asylo, ainda que mais não fosse que por uma noite.

O espectáculo d'estas enormes dadas succedia no espaço do p

Companhia, sem duvida alguma, vai conseguir.

ZIGS-ZAGS

O legislador que se recreia com a execução das penas é feroz, e parece que faz sua a vingança das leis., o compadecer-se dos condemnados é proprio de animo justo como castigal-os com gosto é signal de animo rigoroso, se não tem outro peor nome.

Fr. A. Arraes

Começai com reflexão, prose-

LAGRIMAS DE AMOR

A' Angelo Mendes.

Queres, então, saber porque selou Minha alma desolada e languorosa? N'almofada de arminhos te debruça E cola ao meu teu labio cor de rosa.

E no vai-vem de branda escaramuça. (Se escaramuça existe volu tu sa), Tu saberás porque, formosa russa, Vivo sempre em tristeza dolorosa.

E si o amor que em ti ora alimento Fôr um dia impedido em sua rota, Eu irei encerrar-me n' um convento,

E a chave do meu peito jamais dou t-a, Para ouvires o tetrico lamento De quem lagrimas verte, gota a gota...

CAV. DE GRIEUX.

gui com actividade, e perseverai com constancia: fazendo o assim, tereis menos occasião de queixarvos da fortuna.

Se quereis conservar vossa independencia, fugi do templo do favor, onde tudo é grande, excepto as portas: são tão baixas que para ahi entrar forçosos é curvar-se e abater-se.

O louvor acha incredulos, a maledicencia muitos crentes.

A probabilidade é grande inimiga da verdade; por isso mesmo que cem ou mais probabilidades

não podem constituir uma verdade.

O que acompanha com os ricos e grandes é o ultimo à meza, e o primeiro nos trabalhos e perigos.

Todos se queixam da vida, e a estão pedindo.. O que diz que é largo o dia ou a noite, para que quer viver, pois o tempo não tem outras partes senão o dia e a noite? O que busca gente para fallar, não porque lhe importe a pratica, senão porque gaste o tempo, para que pede tempo?... Vejamos e attentemos bem que não é breve nossa vida; nós ou-

protecção e introdução dos missionarios.

Para este effeito, tinham alugado em Braker's Country uma casinha onde podessem entregar-se mais commodamente e sem exercitar demasiadas suspeitas a sua arriscada empresa. N'esta casa, onde os encontrámos no começo d'esta narrativa, é que prepararam a entrada em Londres de dois animosos padres que hã-de prestar grandes serviços à causa da Igreja tam cruelmente perseguida.

CAPITULO III

Fazenda de contrabando

A 20 de junho de 1580, largava do porto de Calais na Picardia um pequeno navio que era capaz para a enseada de Dover, que se abre quasi defronte

Na popa do navio tremulava a bandeira britanica. Dois viajantes iam assentados à ré e pareciam attentos para descobrir as altas costas d'Albion e, conforme a expressão d'um poeta dos nos-

ros dias:

O mar estava sereno e o ceo limpido, como raras vezes está em torno da brumosa Inglaterra; o sol, apenas nado, illuminava o oriente e espargia vivas claridades sobre as ondas; uma ligeira briza enfunava as velas e poupava toda a fadiga aos marinheiros; e finalmente tudo se juntava para tornar agradavel e facil aquella travessia, tantas vezes laboriosa, sem embargo da sua brevidade.

Menos de meia hora era passada desde que se tinham feito de vela, quando um dos dois viajantes, que tinha ares de negociante irlandez e parecia familiarizado com as diversas paragens da Mancha, se levantou e indicou com o dedo ao companheiro uma linha esbranquiçada que se desenhava cada vez mais distinctamente para a banda do norte.

— Deus seja louvada! — disse, — eis ahi o termo da nossa viagem. Vêde o castello de Dover, cuja magestosa mole pardacenta domina ao longe toda a costa e

tros a fazemos breve, porque a gastamos mal.

D. Bazilio de Faria

A autoridade é tão poderosa entre os homens, que sustentamos e defendemos com ella as nossas opiniões individuaes.

Com trabalho, intelligencia e economia só é pobre quem não quer ser rico.

Perguntando-se a um filosofo da antiquidade a quem mais confiadamente poderiamos descobrir nossos segredos. Respondeu: ao mentiroso, porque, embora este os publique, não será acreditado.

Se os olhos são d'amor, se amor é vida, eu quero esse prazer celeste, ameno! viver! oh! sim, viver!! Se os beijos tem veneno, se ha beijos homicidas, quizera ter cem vidas, e vezes cem morrer!! (D. Jayme — Thomaz Ribeiro)

Netusco.

ARCHIVO

Recebemos o 1.º numero do interessante e espirituoso Jornalzinho « O Clarim » orgão da brioza rafaziada do Commercio, d'esta Capital.

Recebemos mais a « Opinião » que estampa na sua primeira pagina uma bella gravura e magnifica critica.

Agradecidos.

Typ. Schettini Rua da Gloria 107

se assimilha a uma sentinella avançada da Gran-Bretanha para o lado da França. Vêde logo a baixo, para a esquerda, aquella larga chanfradura nas rochas. E' o porto; lá estariamos com certeza ao meio dia se dezessemos desembarcar com luz clara.

— O que resta cumprir da nossa viagem é o mais difficil, respondeu o outro passageiro, muito mais novo que o primeiro e tambem mais agradavel e de aspecto menos rude. — Oxalá a nossa ingrata patria acolha a fé que repelliu e que nós lhe trazemos a pezar seu! Quasi que não estamos mais adiantados que o santo morgo Agostinho, quando aportou, ha mil annos, n'esta mesma costa; a conquista espiritual do paiz tem que se começar de novo.

(Continúa.)